

AMÉRICA LATINA VIVE UM CALOR...

“Com que sonhastes hoje?...”¹

1. QUESTÕES GERAIS

A América Latina vive um momento de muito calor, pode se dizer que grandes transformações estão por acontecer, se serão pra melhor ou para pior, os movimentos sociais terão muito influencia em qual dos caminhos.

Tal afirmação deve-se a uma análise dos acontecimentos da ultima década e mais ainda nos eventos realizados em vários cantos das Américas.

Os últimos anos foram marcados por grandes mobilizações sociais, podendo se dizer que em todos os países das Américas algum tipo de processo que buscasse a emancipação política, luta por direitos ou transformações políticas aconteceu. Todas elas articuladas por organizações políticas e ou por movimentos sociais a partir de suas articulações, redes e fóruns. Os plebiscitos no Brasil, as grandes mobilizações indígenas, no Equador, Peru, Bolívia, assim como os pannels da Argentina são apenas alguns exemplos destes eventos e processos.

Da mesma forma alguns países motivados por estes processos ou por outros elementos da conjuntura política interna, passaram por mudanças políticas importantes com a chegada de governantes e partidos historicamente populares ou progressistas como é caso do Brasil, Argentina, Venezuela, Bolívia, Chile, Equador e Nicarágua.

Mesmo ganhando e assumindo com estigma de popular ou progressistas muitos destes governos seguiu o caminho de administrar o estado com algumas pequenas políticas sociais aliadas a manutenção das políticas neoliberais e acordos dos governos anteriores. Por outro lado alguns deles, explicitamente tem seguido uma política de ruptura com os processos que deixavam os seus países numa frágil situação econômica e social, tomando

¹ Pergunta feitas todas as manhãs, pelos os pais aos seus filhos (povo indígena do norte do México) para eles sonhar é uma forma de se manter vivo e alinhados com o futuro, quem não sonha precisa ir e se curar com o pagé, para saber qual o motivo que não sonhou com o futuro.

decisões difíceis porém necessárias, estes governos tem buscado construir uma articulação e integração como um objetivo claro de ser uma alternativa ao proposto já no consenso de Washington e a quase uma década vem sendo buscado através da ALCA e dos TLCs.

A Alternativa Bolivariana para as Américas surgiu como uma aliança estratégica entre os países na busca de cooperação técnica, política, econômica, social num horizonte futuro de integração social, econômica e cultural.

O encontro dos movimentos sociais, realizado na cidade de Barquisimeto no histórico estado de Lara, em paralelo a **V Cumbre dos presidentes**, foi um dos eventos deste período e se caracterizou, como um primeiro passo na perspectiva da articulação do que pode vir a ser o início de uma das alternativas concretas ao avanço da globalização nos estados nacionais latino-americanos.

E foi este o objetivo central do encontro entre os movimentos sociais de todos os países das Américas, inclusive dos EUA, que se reuniram durante dois dias e ao final se encontraram com os chefes de estado de 12 países, sendo que Nicarágua, Venezuela, Bolívia e Cuba são até então os protagonistas do que vem sendo concretizado de ações pela construção da ALBA, aliadas às iniciativas já em curso, foram acordados outros convênios em áreas estratégicas tanto do ponto de vista econômica, como na área de energia, assim como outros estruturantes da sociedade destes países, como em saúde e educação.

Os movimentos sociais, que mesmo com muito pouco tempo e com grandes contradições de percepções do momento e dos papéis que ali deveriam desempenhar, conseguiram apresentar um documento que além de demonstrar a diversidade de movimentos, redes e articulações presentes no encontro conseguiu pontuar alguns elementos importantes para o debate com os governos, tanto os dos países que já estão inseridos nos processos da ALBA, como também aqueles que não estão inseridos na alternativa Bolivariana como é o caso do Brasil. Além disso, como um salto de qualidade nos processos organizativos da ALBA, surgiu como uma demanda dos dois grupos, tanto dos

governos como dos movimentos, a necessidade de consolidar espaços de diálogo e concertação, sendo que foi instituído o conselho de movimentos sociais que juntamente com o conselho de presidentes e o dos ministros, tem a tarefa de articular o debate e encaminhar os processos na perspectiva de consolidação da ALBA.

Assim como o encontro dos movimentos sociais para o debate da ALBA, aconteceu de forma contígua o encontro hemisférico para debater a integração dos povos e contra as TLCs, na cidade de Havana em Cuba no período de 03 a 05 de maio.

Foi um evento tranquilo e apesar de que tinha o grande desafio de dar um salto no sentido de avançar ao que foram os encontros hemisféricos que o antecederam. Como foi um evento próximo do 1º de maio, muitos movimentos sociais e sindicais de várias partes do mundo que historicamente participam desta data em Havana estavam presentes, fazendo com que o Encontro tivesse uma participação massiva de organizações e pessoas que não acompanharam os processos. Mesmo assim foi encontro muito satisfatório e conseguiu produzir grandes debates e principalmente atingir o seu objetivo estratégico que é articular lutas e aliar agendas nas grandes regiões e no continente como um todo.

2. PARA REFLETIR NOSSOS DESAFIOS

Os debates tanto no encontro dos movimentos sociais sobre a ALBA quanto no hemisférico giraram em torno de várias frentes de luta e com algumas especificidades locais e/ou regionais. Discutindo desde de questões ambientais, de gênero, recursos naturais, dívidas, povos indígenas questões culturais, Afrodescendentes, emprego, agricultura entre outros temas.

Da mesma forma uma boa parte dos dois encontros, principalmente o hemisférico foi consumido, inclusive nas noites, com as redes fazendo debate sobre as suas estruturas e como elas se organizam, se estruturam e se

articulam para dar vazão às tarefas retiradas dos encontros e os desafios que os movimentos sociais têm ao voltar aos seus países.

Desta forma ficam alguns desafios ao conjunto dos movimentos sociais do Brasil, que vivem num país que tem um governo reeleito com grande maioria dos votos, numa coalizão de forças de direita, que tem uma história de partido de esquerda e ainda com um forte apelo popular, porém vem seguindo uma política de gestão do estado exatamente igual aos governos que o antecederam.

Com isso fica como elementos para o debate e tiradas de estratégias comuns para as organizações que compõe um leque de articulações e redes do Brasil, a seguinte reflexão.

- Ficou claro que o tema da ALBA ainda é uma incógnita para muitos movimentos sociais, muito tem se falado sobre o assunto, porém conhecer a fundo e tomar posições maduras e com base numa reflexão estratégica, ainda está longe para a maioria dos movimentos, redes e articulações do Brasil. Nesse sentido debater o significado da ALBA e suas influencias num país que tem muitas diferenças culturais e históricas com a grande maioria dos outros países envolvidos é urgente e necessário;
- Muitos dos movimentos sociais das Américas presentes nos encontros, e isso ficou muito claro com as críticas ao Brasil, estão discutindo, debatendo e se mobilizando em torno das questões referentes aos agrocombustíveis, é fundamental que entidades e redes importantes como é o caso das Pastorais Sociais, Via Campesina, Fórum Nacional de Reforma agrária, Jubileu Sul, assim como a Assembléia Popular, busquem debater e tirar posição para este tema, assim como construir unidade com os movimentos e redes dos outros países;
- Existe todo um alarde sobre o debate entorno do aquecimento global o que neste momento trás vários tipos de análises, inclusive alternativas capitalistas e sem mudar o modelo de consumo e organização social e

econômica da sociedade. Historicamente os movimentos ambientalistas e socialistas caminharam em caminhos paralelos, para não dar outro conceito. Neste momento é fundamental que organizações que tem caráter de mudança de modelo social, e que acreditam numa sociedade socialista, dêem elementos concretos para saídas como as praticadas por governos realmente populares como o do presidente Evo Morales, quanto à nacionalização dos recursos naturais;

- Por fim, os exemplos que o Brasil deu nos dois plebiscitos que fez sobre a Dívida e sobre a ALÇA, deram muitos elementos e força tanto internamente para a construção do projeto popular para o Brasil, quanto para os movimentos sociais de vários países das Américas, da África, Ásia e até mesmo da Europa, sendo assim fica o desafio de construir um plebiscito que seja a expressão do acúmulo de debate e de grande mobilização das massas urbanas e rurais, fazer uma campanha alegre, criativa, que se alimente do calor da juventude e da maturidade dos lutadores mais vividos, vamos em frente e venceremos!

Luiz Cláudio Mandela, é assessor nacional da Cáritas Brasileira e participante da delegação Brasileira no Encontro dos movimentos sociais da ALBA e do Encontro Hemisférico.